

FLORESTAN FERNANDES



REMINISCÊNCIAS DE FLORESTAN FERNANDES

PAUL SINGER

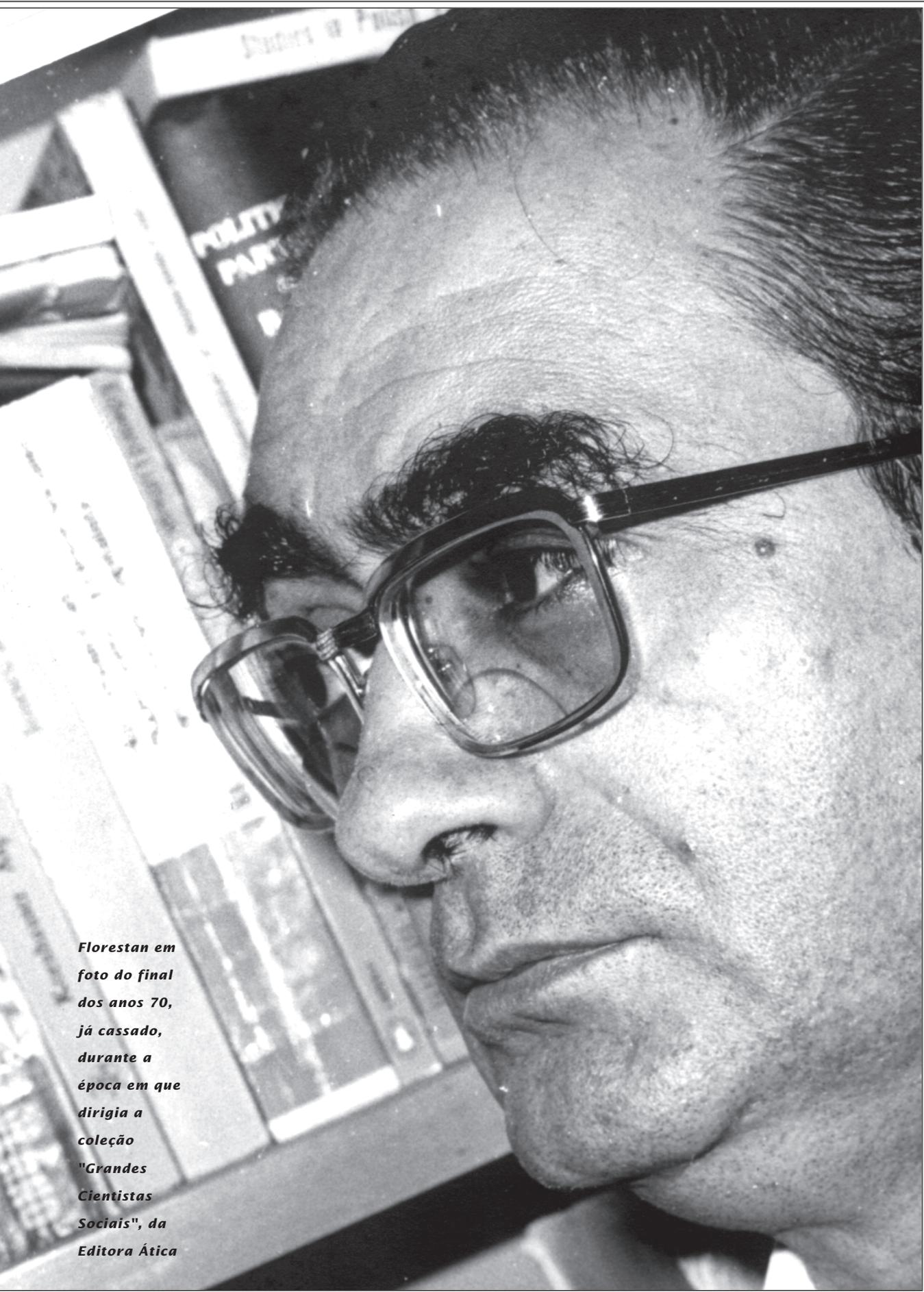
Conheci Florestan Fernandes em 1963, quando me encarregou de fazer uma série de estudos econômicos para o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho. Ele tinha selecionado cinco cidades brasileiras (São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife) para investigar as causas não-econômicas do desenvolvimento econômico. Como amostra de diferentes “casos” de desenvolvimento regional, elas constituíam uma escolha bastante feliz. Florestan desejava que eu analisasse as causas propriamente econômicas do grau de desenvolvimento alcançado em cada uma dessas cidades, para que ele pudesse em

seguida estudar outras causas, presumo que sociais, culturais, políticas. Era uma tarefa fascinante, que pressupunha trabalho de campo, levantamento de dados primários e sobretudo reconstituição histórica, sem qualquer outra limitação que não fosse a do tempo e naturalmente de minha capacidade.

Comecei a investigação por São Paulo, lendo sobre a cidade tudo que me caía nas mãos. Imaginei inicialmente que a história dos últimos cem anos (1860-1960) revelaria tudo o que queríamos saber. Mas logo descobri o quanto um ponto de partida arbitrário deixava a desejar. São Paulo de 1860, a garoenta cidade

dos estudantes de direito, não podia simplesmente ser descrita, ela tinha que ser expli-

PAUL SINGER é professor de Economia da Faculdade de Economia e Administração da USP.



Florestan em foto do final dos anos 70, já cassado, durante a época em que dirigia a coleção "Grandes Cientistas Sociais", da Editora Ática

cada, para discernir as forças de transformação que estavam atuando nela. O que impunha, naturalmente, a reconstituição histórica do período anterior, na verdade quase desde a sua fundação.

Embora consciente de que eu devia elaborar uma interpretação econômica dos processos de desenvolvimento regional, centrados nas cinco cidades, nunca me senti constrangido ao ultrapassar fronteiras disciplinares. O tipo de análise que acabei por produzir poderia ser classificada de “economia política”, já que elementos institucionais eram levados em consideração tanto quanto os fatores econômicos propriamente ditos. Apoiado num esquema teórico que eu tinha desenvolvido, através da crítica aos modelos estruturalistas de Celso Furtado e de Ignácio Rangel, consegui reunir um respeitável volume de dados empíricos e alcançar, a partir deles, uma interpretação do desenvolvimento de São Paulo. Em fins de 1963, se bem recordo, entreguei ansioso o meu primeiro relatório.

O nosso mundo acadêmico sofreu um primeiro abalo fatal com o golpe militar de 1964. O meu catedrático professor Mario Wagner Vieira da Cunha se aposentou e eu fui obrigado a me demitir da Faculdade de Ciências Econômicas da USP. Fiquei com as duas cadeiras de Economia que ocupava nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e de Araraquara e além disso aceitei a chefia do departamento de planejamento da Hidroservice. Com esses empregos todos, o tempo que eu tinha para a pesquisa de Florestan Fernandes se limitava a um dia útil por semana e o fim-de-semana. Relatei tudo isso a meu “cliente” que, com muita compreensão, concordou em esticar o prazo para o término do trabalho.

Nos anos seguintes, eu viajei a cada uma das cidades estudadas, fiz contatos com pesquisadores das universidades locais, fui gentilmente acolhido por encarregados de bibliotecas e arquivos e pude realizar entrevistas com empresários e outros informantes qualificados. Aprendi que o levantamento de dados primários pode ser fascinante, sobretudo porque seus detentores mostram-se em geral ansiosos por partilhá-los com quem de fato

precisa deles e se dispõe a fazer bom uso dos mesmos.

E assim fui paulatinamente completando e entregando a Florestan os relatórios sobre o desenvolvimento econômico de Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. O conjunto só ficou pronto em começo de 1966. Florestan nunca reclamou da delonga, embora ela certamente tenha prejudicado o cronograma de sua própria pesquisa. Os recursos do Cesit não eram corrigidos monetariamente, de modo que a remuneração perdia rapidamente valor em termos de poder aquisitivo. Acho que o pagamento do último relatório (sobre Recife) mal deve ter coberto minhas despesas de viagem e estadia. Mas isso pouco me importava. Eu estava apaixonado pelo trabalho, pela liberdade que ele me proporcionava e pela oportunidade de estudar sistematicamente a história regional do Brasil, o que me proporcionava vários *insights* sobre a lógica e a dinâmica do desenvolvimento capitalista.

Florestan recebia os relatórios e se referia a eles de maneira elogiosa mas eu não tinha a impressão de que ele os estudara com muito empenho. Qual não foi minha surpresa quando, por ocasião da entrega do último relatório, Florestan me disse que eu tinha realizado uma contribuição teórica significativa para a compreensão de nossa realidade histórica e que eu poderia facilmente transformar meus relatórios numa tese de doutoramento, que ele se disporia a orientar e submeter à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Naquela altura, eu já estava me desligando da Hidroservice e voltando à USP, como integrante do Cedip (Centro de Estudos de Dinâmica Populacional) da Faculdade de Higiene e Saúde Pública. Poder realizar meu doutoramento era o que eu mais desejava na vida. Aceitei o convite com gratidão e entusiasmo.

Na realidade, eu devia minha própria volta à USP indiretamente a Florestan Fernandes e a seus assistentes na cadeira de Sociologia I. Quando a professora Elza Berquó criou o Cedip, em 1965, ela deu-lhe caráter interdisciplinar, associando-o à cadeira de Estatística Aplicada da Faculdade de Higiene e à cadeira de Sociologia I da Faculdade de



Foto de 1968,
da Campanha
dos Excedentes,
na Maria
Antônia —
Florestan
aparece
embaixo
à esquerda

Filosofia. E para compor a equipe inicial do Cedip, Elza Berquó pediu a recomendação de um sociólogo e de um economista aos seus associados da cadeira de Sociologia I. Foram eles - não estou bem certo se o próprio Florestan ou Otavio Ianni - que recomendaram o meu nome para a vaga de economista. Dessa maneira, pude retornar à Universidade de São Paulo e trabalhar nela pela primeira vez em tempo integral, largando todos os outros empregos e me dedicando unicamente ao ensino e à pesquisa.

Por sugestão de Florestan Fernandes, escrevi uma introdução metodológica aos ensaios sobre as cinco cidades e uma conclusão, que efetivamente me permitiu fundir num todo as várias facetas regionais investigadas de um processo nacional de desenvolvimento. Pude deixar claro, então, a começar para mim mesmo, que o enorme desenvolvimento econômico de São Paulo, que estava para alcançar o seu auge, tinha como contrapartida a ausência de desenvolvimento em algumas cidades e regiões do país e um desenvolvimento apenas débil em outros. A concentração espacial da acumulação de capital era sem dúvida perversa, mas sua perversão não era devida a manobras ou gestões dos beneficiados mas à lógica inerente ao modo de produção.

Em setembro de 1966, perante uma banca presidida por Florestan Fernandes defendi minha tese e tornei-me doutor em sociologia. Mas Florestan levou sua apreciação por meu trabalho ainda mais longe. Obteve sua publicação pela Companhia Editora Nacional, com o título de *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana* e escreveu um prefácio elogioso, do qual muito me orgulho. Desde então considero-me discípulo de Florestan Fernandes, sem nunca tê-lo sido formalmente. A sua generosidade, o seu pendor de cientista para a unidade entre teoria e prática foram lições inesquecíveis. No prefácio ele escreveu:

“Sem citar nomes, o que não seria elegante: as melhores realizações de nossos investigadores, que tratam da formação e da evolução econômica do Brasil, ou sacrificam as teorias aos fatos, ou sacrificam os fatos às teorias. Este livro marca

uma ruptura definitiva com essa orientação, que nascia de uma condição cultural limitativa. A falta de um conhecimento prévio rigoroso das várias faces de nosso desenvolvimento econômico impunha uma das duas saídas. Ao focalizar os problemas a partir de um certo número de cidades, escolhidas por seu sentido típico para os fenômenos investigados, Paul Singer superou ambas as limitações. Ao mesmo tempo que fundamenta empiricamente as explicações de caráter geral, pode concatená-las segundo requisitos especificamente teóricos”.

Está claro para mim que se pude superar as limitações da unilateralidade devo-o - nesse primeiro trabalho e em muitos outros que se seguiram - à orientação ou talvez à instigação de Florestan. Logo em seguida, a vida



Fotos: Arquivo Florestan Fernandes

Florestan, em 1960, faz conferência para os maçons — Campanha em Defesa da Escola Pública —, à direita; na outra página, Coimbra, 4 de julho de 1990, Florestan recebe o título de Doutor Honoris Causa



nos separou: fui passar um ano na Universidade de Princeton (EUA) e quando voltei a USP mergulhou no torvelinho reformista do inesquecível ano de 1968. Estive ao lado de Florestan na luta por uma universidade democrática, que mobilizou alunos e professores do Brasil inteiro e que terminou com a edição do AI-5 em dezembro. E em abril de 1969, tive a honra de ser aposentado com centenas de outros brasileiros, entre os quais Florestan não podia deixar de estar. Tive de carregar comigo sua lição, enquanto as agruras da repressão o levavam ao exílio. Só nos reencontramos de fato muito mais recente-

mente, quando Florestan Fernandes se tornou deputado federal do Partido dos Trabalhadores, que eu tinha ajudado a fundar poucos anos antes e no qual militava desde então.

• • •

Ao reler estas linhas, percebo que minhas reminiscências de Florestan pouco acrescentam ao seu rico perfil de cientista, homem público e militante. Apenas que sua postura estimulou vocações e ensinou aventuras intelectuais mesmo além da sociologia, o que dá uma idéia quem sabe melhor da grande estatura de quem soube, melhor do que ninguém, compartilhar visões e abrir caminhos.